

CONCEPÇÃO DE CURRÍCULO DA EJA DO MUNICÍPIO DE SALVADOR: O QUE PENSAM AS FORMADORAS SOBRE O SEU PROCESSO FORMATIVO E ESSE CURRÍCULO

Tatiana Maria dos Santos¹ Márcia Tereza Fonseca Almeida²

¹ Pedagoga, Psicopedagoga, Mestra em Educação de Jovens e Adultos pelo Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos- MPEJA da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Integrante do Grupo de Pesquisa GEPIETEC. E-mail: mtatyanasantos@gmail.com

² Doutora em Educação e Contemporaneidade pela UNEB. Professora do Departamento de Educação e do Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos da UNEB. Líder do Grupo de Pesquisa GEPIETEC. E-mail: mtalmeida@uneb.br

EIXO TEMÁTICO 3: CURRÍCULO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA EJA

RESUMO

O presente trabalho refere-se ao recorte de uma pesquisa de mestrado defendida no Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos (MPEJA) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). A pesquisa foi realizada no âmbito da Secretaria Municipal de Educação de Salvador - Ba. com a equipe de formadoras da Educação de Jovens e Adultos (EJA) dessa rede de ensino. O objetivo principal foi compreender o que pensam as formadoras da EJA da rede municipal de ensino de Salvador sobre a concepção de currículo da EJA e sobre seus processos formativos. Os objetivos específicos foram: analisar a concepção de currículo da EJA da rede municipal de ensino de Salvador; investigar os pressupostos teóricos que fundamentam as ações das formadoras da EJA no município de Salvador e refletir sobre o papel da formação das formadoras no currículo desenvolvido na EJA. Baseada na concepção freiriana de educação e com engajamento político, a pesquisa buscou responder o seguinte questionamento: O que pensam as formadoras da EJA da rede municipal de ensino de Salvador sobre a concepção de currículo dessa rede de ensino e sobre o seu processo formativo? Defendendo uma Educação de Jovens e Adultos crítica, articulada aos interesses e as pautas defendidas pelas/os estudantes da EJA de Salvador, sobretudo das mulheres negras que é a sua maioria, visando a materialização de uma proposta curricular diferenciada da implementada até então, mais contextualizada e baseada no paradigma crítico, multi/intercultural, o estudo discute especialmente, o currículo e sua relação com a formação dos sujeitos da EJA, bem como fomenta reflexões acerca da formação docente e das formadoras no contexto da Educação de Jovens e Adultos. Nesse sentido, enfatizamos que é importante voltar a atenção sobre o papel desse artefato educacional

na construção da identidade social, cultural e política das/os estudantes, considerando que “no currículo se joga um jogo decisivo.” (SILVA, 2001, p.29), ou seja, o currículo é a porta pela qual se abrem os processos de formação que determinarão o viés da concepção de educação e de sujeito que se pretende formar. Arroyo (2015) enfatiza que “os movimentos sociais apontam por onde avançar. Na diversidade de fronteiras de suas lutas – terra, território, espaço, trabalho, renda...- colocam com destaque o direito à escola, a universidade, ao conhecimento, à cultura [...]” (ARROYO, 2015, p. 53). A pesquisadora Graça Pereira (2001 p. 150) afirma que na disputa teórica por espaço no território curricular “muitas vozes são silenciadas, muitos grupos são socialmente marginalizados, a partir de um “pacote cultural” concebido como “superior” e “único”, fundamentado em um referencial autoritário e dogmático.” Nessa perspectiva, ela ressalta que é preciso fortalecer as vozes dos diversos grupos culturais que compõem o universo da sala de aula de modo que as suas singularidades sejam respeitadas e se promova um ambiente em que as diversas culturas possam conviver pacificamente e tudo isso parte da construção dos currículos, e que “[...] construir um currículo multicultural implica em entender a sala de aula como lugar de múltiplas linguagens, de construção, desconstrução e reconstrução de identidades individuais e sociais.” (PEREIRA, 2001, p.150). Nesse sentido, Candau (2008) argumenta que o multiculturalismo na sociedade brasileira é distinto das sociedades americanas e europeias. Para a autora uma sociedade multicultural como a nossa precisa de referências, e que, portanto, as políticas públicas são importantes estratégias para sua efetivação. Nesse contexto, a autora defende a interculturalidade que pressupõe a possibilidade de “uma educação para o reconhecimento do *“outro/outra”*, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades [...]” (CANDAU, 2008, p. 52, grifos nossos). Aqui reside a defesa que fazemos para o currículo da EJA. Um currículo com viés crítico, que reconhece as desigualdades sociais e a importância da luta de classe ainda nos dias atuais, assim como um currículo pós - crítico que defende a pauta multi/intercultural dos movimentos sociais, cujos interesses dos sujeitos aprendentes prevaleçam e se relacionem nessa sociedade diversa que é o Brasil. Nesse sentido, a negociação cultural que Candau (2008) defende e o modo como as pessoas veem e interpretam o mundo são imprescindíveis na constituição da proposta curricular, visto que “o mundo da cultura que se alonga em mundo da história é um mundo da liberdade, de opção, de decisão, mundo de possibilidade[...]” (FREIRE, 2016, p. 55). Nessa perspectiva, os currículos precisam se abrir para as pautas defendidas pelas/os estudantes da EJA de Salvador, no viés da educação popular e ampliar os conhecimentos a partir da diversidade dessas pessoas reconhecendo-as, sobretudo como cidadãs e cidadãos de direitos e de possibilidades. (SOARES, 2011). Já Freire (2015), argumenta que na cultura educacional do nosso país, os currículos são impostos aos sujeitos como verdades absolutas e salvadoras. O autor ressalta que é preciso superar isso, através do diálogo e do desenvolvimento da criticidade. Tendo em vista que ensinar exige respeito aos conhecimentos, saberes e práticas sociais das/os estudantes a fim de que as pessoas “abram os olhos” e compreendam o seu próprio mundo. Todavia, isso não significa esvaziar os currículos a serem ensinados e/ou convertê-los apenas ao saber ingênuo da população, pelo contrário, ele pontua que os currículos precisam transformar o saber ingênuo em saber crítico e socialmente válido. Sendo assim, que currículos importam para a EJA? Quais pautas são imprescindíveis? Tomando como referência a perspectiva

dos autores citados, o currículo mais pertinente para a EJA terá como fio condutor de suas práticas educativas a percepção do ser humano em sua totalidade, preocupando-se em construir alternativas que possibilitem a problematização de sua condição humana e necessidades. Para elas/eles, é fundamental a construção de uma perspectiva curricular que produza saberes, mas também, visões de mundo e enfrentamento da realidade da vida no intuito de transformá-la para melhor. Ou seja, fica evidente na perspectiva das autoras e autores citados/as que a ideia de um currículo único e homogêneo não condiz com a pedagogia conscientizadora e libertadora. Nesse sentido, ressaltamos que a heterogeneidade das pautas dos movimentos sociais é importante na constituição dos currículos da EJA e, quanto mais amplo e contextualizado ele for, melhor será o seu alcance no universo da diversidade dos sujeitos. Sendo assim, no desenvolvimento do estudo, refletimos sobre temáticas que se imbricam com a Educação de Jovens e Adultos: currículo, formação docente e de formadoras, pautas advindas dos movimentos sociais, tendo em vista a cultura e as subjetividades das pessoas envolvidas. Pautas estas, que no nosso entendimento, não podem prescindir da política da proposta curricular da EJA de Salvador. Destacamos três delas, a saber: a pauta que se refere ao empoderamento das mulheres e das mulheres negras, tendo em vista que a EJA em Salvador, em sua maioria, é negra e feminina; a pauta das relações étnico raciais pela mesma razão anterior e, sobretudo porque Salvador é uma cidade negra e por último, a pauta das questões ambientais, levando em consideração os eventos extremos que o meio ambiente vem sofrendo, muito em função da ação das políticas neoliberais do sistema capitalista. No que se refere à formação, ressaltamos os desafios e complexidade do fazer docente apresentados na vida contemporânea que impulsionam para a mudança e ressignificação do fazer pedagógico. Sobretudo no âmbito da EJA que tais desafios se potencializam, tendo em vista que os espaços formativos específicos para a educação de jovens, adultos e idosos no país ainda são restritos. Nessa direção, enfatizamos o que dizem Freire (2016), Imbernón (2004), Nóvoa (2022), Dantas (2019, 2020), Moreira (2021) entre outras/os, sobre repensarmos o fazer docente no mundo contemporâneo de modo que “a profissão docente deve abandonar a concepção predominante do século XIX de mera transmissão do conhecimento acadêmico.” (IMBERNÓN, 2004, p. 7). Além dos desafios e complexidade, enfocamos as possibilidades que as/os autores enfatizam para ressignificar as práticas pedagógicas da EJA de modo que atendam as especificidades da modalidade e lhes confirmem a identidade que a EJA tanto requer. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa, inspirada na pesquisa participante de Freire (1981, 2021), utilizando dois dispositivos metodológicos: o questionário e as rodas de conversa intituladas “Conversando sobre a EJA”, inspiradas nos círculos de cultura de Freire que deu fruto ao nosso produto final, o E-book: ‘Conversando sobre a EJA: o que pensam as formadoras da SMED sobre o seu processo formativo e o currículo que importa para a EJA’. O estudo revelou uma lacuna na formação das/os profissionais que orientam e formam o corpo docente da EJA, evidenciando a necessidade de uma política de formação continuada para a EJA e, especialmente para as formadoras. Revelou também que as formadoras sabem quem são os sujeitos que constituem a EJA nessa rede municipal de ensino, reconhecem as suas vulnerabilidades e, sobretudo valorizam as suas potencialidades de aprendizagem. As formadoras, defenderam um currículo baseado nos ideais freirianos de educação e admitiram a necessidade de atualização dos documentos que regem essa modalidade no município, sobretudo, a atualização da sua proposta curricular. Dentre outros aspectos, a pesquisa apontou que há muito o que se fazer. No entanto, seguimos acreditando no

compromisso das/os educadoras/es na luta por mudanças por uma EJA de qualidade e, sobretudo, acreditando e esperando nos novos ares que a EJA e o Brasil vêm sentindo a partir da volta da democracia do novo governo Lula que já abriu o debate, retomou a SECADI e viabilizou a possibilidade de um novo panorama para a EJA.

Palavras – chave: EJA; Currículo; Formação de formadoras.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **Currículo, Território em Disputa**. 5ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

ARROYO, Miguel. **Os Movimentos Sociais e a construção de outros currículos**. IN Educar em Revista. Curitiba, Brasil, n. 55, p. 47-68, jan/mar, 2015.

CANDAU, Vera Maria. **Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre e diferença**. 2008. Disponibilizado em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/5szsvwMvGSVPkGnWc67BjtC/#> Acesso em: fevereiro de 2023.

DANTAS, Tânia Regina e OLIVEIRA, Maria Olivia de Matos. **A obra de Paulo Freire: contribuições para uma experiência em EJA na pós-graduação**. IN Paulo Freire em diálogo com a Educação de Jovens e Adultos/ Tânia Regina Dantas... [et al.]. Salvador: EDUFBA, 2020.

DANTAS, Tania Regina. **Formação docente em EJA: o que dizem os/as autores/as de artigos**. IN Educação. Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 435-446, set-dez. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 32ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021a.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo: Cortez, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**.

50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação**. IN BRANDÃO, C.R. (org.) Pesquisa Participante. São Paulo. Editora Brasiliense, p. 34-41, 1981.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: forma-se para a mudança e a incerteza**. 4ª edição. São Paulo. Cortez. 2004.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. **Formação de professores e currículo: questões em debate**. IN Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.29, n.110, p. 35-50, jan./mar. 2021.

NÓVOA, Antônio. **Escolas e professores proteger, transformar, valorizar**. Colaboração Yara Alvim. Salvador, SEC/IAT.2022.

PEREIRA, Graça dos Santos Costa. **Currículo e Multiculturalismo: reflexões em torno da formação do(a) professor(a)**. IN Revista da FAEEBA-Educação e Contemporaneidade, Salvador, no. 16, p. 145-153, jul./dez., 2001.



SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade; uma introdução às teorias de currículo.** 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O Currículo como Feitiche- A poética e a Política do texto Curricular.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.

SOARES, Leôncio. **Do direito à educação à formação do educador de jovens e adultos.** IN **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos.** Organizado por Leôncio Soares, Maria Amélia Gomes de Castro Giovanetti, Nilma Lino Gomes. 4. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011 (Estudos em EJA).